

A agonia da comunicação na era mediática: sobre vínculos, logros e o pornográfico¹

The agony of communication in the media age:
about bonds, hoaxes and the pornographic

Tiago da Mota e Silva

Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professor assistente da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, Brasil. E-mail: tiagomotasilva@gmail.com

Fabio Ciquini

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professor adjunto da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, Brasil. E-mail: tiagomotasilva@gmail.com

Resumo:

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da noção de vínculo para a ciência da Comunicação. Argumenta-se que a construção desta noção é fundamental para uma mudança de paradigma nos estudos da comunicação, no sentido de abandonar uma abordagem tecnicista e abraçar outra, que leve em consideração os fluxos emocionais, afetivos e imaginários dos fenômenos comunicacionais. Por meio de revisão bibliográfica, busca-se articular os conceitos de vínculo, imaginário e, por fim, procura-se entender uma noção de logro, um *hiperestímulo* vinculativo, sobre os quais operam as mídias em seus usos pornográficos do imaginário.

Palavras-chave:

Imaginário; Pornográfico; Vínculo; Teoria dos Meios; Filogênese e Ontogênese da Comunicação.

Abstract:

The paper proposes a reflection on the notion of bond to Communication Science. It is argued that the construction of this notion is fundamental to a paradigm shift in communication studies, in the sense of abandoning a technician approach and embracing another one, which takes into account the emotional, affective and imaginary flows of communicational phenomena. Through bibliographic review, it is intended the articulation between the concepts of bond, imaginary and, finally, seeks to understand a notion of hoax, a binding hyperstimulus that defines a pornographic use of the imagery by media.

Keywords:

Imagery; Pornographic; Bond; Media Theory; Phylogenesis and Ontogenesis of Communication.

¹ Trabalho originalmente apresentado ao Grupo de Trabalho Imagem e Imaginários midiáticos do XXIX Encontro Anual da Compós, de 23 a 25 de junho de 2020. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS).

1 Comunicação e desencanto

Para pesquisar, refletir e pensar a Comunicação no século XXI – tempos em que tal ciência demonstra relevância diante de complexos fenômenos socioculturais – é preciso reconsiderar alguns de seus pressupostos, construídos ao longo do século XX.

Segundo Contrera (2017, p. 30), divorciou-se dos estudos sobre a comunicação o sentido primordial da própria palavra. “Comunicar”, do latim *communis*, designa aquilo que é compartilhado por vários. Comunicar é tornar algo comum, e, portanto, aproxima-se, em seu radical, de termos como comunidade ou comunhão. Isso não é uma novidade para os pesquisadores do campo. Todavia, com as capilaridades elétricas e eólicas da comunicação humana (BAITELLO JR, 2010), graças aos meios de comunicação de massa e das tecnologias digitais, passou-se, em grande medida, a tratar a comunicação como transmissão, abstraindo dos ambientes comunicacionais seu sentido de presença e partilha. A Teoria Matemática da Informação, de Shannon e Weaver (1963), e, mais tarde, a cibernética de Norbert Wiener (1968) trataram de atribuir às máquinas a ideia de uma comunicação perfeita, controlável e sem ruídos.

A observação dos fenômenos contemporâneos, no entanto, contradiz essa ideia. Segundo Contrera (2017), há uma ação da comunicação humana mediada por aparelhos que continuam a promover o “desencantamento do mundo”, embora a possibilidade de um reencantamento permaneça no bojo de tais processos. Isso posto, acredita-se que a reestruturação dos paradigmas dos estudos da Comunicação deve ocorrer no sentido de ampliar compreensões que considerem a ambivalência e ambiguidade dos processos comunicacionais; ou seja, o terreno de imponderabilidade o qual as máquinas não previram.

Ainda de acordo com Contrera, esse desencantamento pode ser entendido como “desmágicação” do mundo, que retira da comunicação humana sua noção primordial de “participação mística” ou de “consciência participativa”. Segundo a autora, torna-se impossível “[...] pensar o fenômeno comunicativo sem considerarmos o papel das transformações da consciência humana” (CONTRERA, 2017, p. 38). A relação estreita entre tais transformações e os meios de comunicação que os condicionaram nos parece cada vez mais explícita.

Como exemplo, a abstração da tridimensionalidade em bidimensionalidade – a primeira forma de abstração na escalada de Vilém Flusser (2008) – deu suporte à fundação de mitos e cosmogonias, que tem a presença magicizante como constituinte fundamental. Assim, os ambientes e os objetos que o constituem passam a ser representados também com as imagens inscritas nas paredes das cavernas.

A escrita, que abstrai a bidimensionalidade da imagem em unidimensionalidade da linha, inaugura outra transformação de consciência, aquela que dá gênese à razão e à ciência. Para Contrera (2017, p. 38), este processo de racionalização inaugura uma crise de sentido, um esvaziamento, que nos retira do âmbito das experiências religiosas, míticas, comunicacionais e afetivas para o âmbito dos ideais, das ideias e da moral que passam a servir a uma economia de símbolos atrelada, portanto, a uma percepção funcionalista das relações.

Na continuidade da escadaria negativa de Flusser, chegamos à nulodimensão, última etapa da desmaterialização do espaço que inclui o conceito de imagem técnica (1985, p. 10), feita por aparelhos, que se torna também código e programação e, portanto, derivada do texto. Para Flusser (1985, p. 11), as imagens técnicas exercem fascínio mágico sobre o observador, mas não se comparam à magia emanada pela imagem tradicional, bidimensional, uma vez que as telas dos meios eletrônicos e digitais se colocam em perspectiva histórica e ontológica diversa das imagens das cavernas. Segundo o pensador, a nova magia não precede, mas sucede a consciência histórica, conceitual e desmagicizante. Ela não visa modificar o mundo lá fora, como a imagem pré-histórica, mas modificar os nossos conceitos em relação ao mundo. É magia de segunda ordem: feitiço abstrato. Tal diferença pode ser formulada do seguinte modo: a magia pré-histórica ritualiza determinados modelos, mitos. A magia atual ritualiza programas (FLUSSER, 1985, p. 11). Ainda segundo o autor (1985, p. 12), a imagem técnica vem para substituir a consciência histórica, do texto, por uma consciência mágica de segunda ordem – isto é, pós-histórica. Conforme atos artísticos, científicos e políticos convergem para serem filmados ou fotografados – convergem para os *media* – o universo das imagens técnicas vai demonstrando seus contornos e efeitos de apagamento histórico contínuo. Instaure-se, dessa forma, um esvaziamento e uma nova transformação da consciência humana, emoldurada pelos meios de comunicação eletrônicos e digitais – os aparelhos que produzem imagens técnicas.

Assim, a consciência humana, em via de mão dupla, torna-se fruto dos processos comunicativos, mas também os modifica.

Ao tensionar esse cenário, o presente artigo busca compreender a ambivalência desses processos ao propor uma análise sobre uma noção que passa a ser central no entendimento do *como* da captura mágica das imagens midiáticas: o vínculo. Compreensões sobre este conceito para a Comunicação buscam relativizar a importância dos paradigmas de transmissão e informação, oferecendo-se como modo de perceber a ambivalência de diferentes ambiências comunicacionais, bem como sugerir caminhos para entender o que na comunicação mediática nos atam. No contexto dos ambientes mediáticos contemporâneos, cujo uso da imagem como interação comunicativa é intensa, buscamos explorar a relação entre vínculo, o imaginário de dimensões essencialmente mediáticas e a forma como alguns elementos, nesta reflexão denominados logros, galvanizam relações comunicativas e agem como vernizes atraentes para as imagens. A magia na/da mídia contemporânea, afirmamos, depende de logros que atam e geram vínculos.

2 O indivíduo poroso e o vínculo

A noção de vínculo neste artigo busca tratar de relações na comunicação que escapam de acepções tecnoinstrumentais. É preciso incluir dimensões sociais e políticas das relações comunicativas, mas também – e nestes aspectos se concentram os esforços da argumentação – as dimensões emocionais e afetivas desses vínculos da e na comunicação. Assume-se, entretanto, que *vínculo* é um daqueles termos que podem ser facilmente apropriados e moldados conforme a intenção. O desafio é, portanto, dar ao termo um peso específico, fruto do desenvolvimento metodológico e da pesquisa, sem, no entanto, torná-lo rígido e incapaz da sensibilidade tão necessária à sua compreensão.

Dentre aqueles que se dispuseram a pensar sobre os vínculos, continua enigmático o tratado de Giordano Bruno (2012), intitulado *De vinculis in genere*. O teólogo medieval foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição Romana, em 1600, por, dentre outros motivos, envolvimento com magia e adivinhação. Sobre os vínculos, Bruno escreve:

Esta é aquela força que, por estabelecer vínculos, os platônicos dizem que adorna a mente com a ordem das ideias; que preenche o espírito com a sequência dos raciocínios e com discursos harmoniosos; que fecunda a natureza com sementes variadas; que dá forma à matéria com uma infinidade de condições; que vivifica, aplaca, acaricia, estimula todas as coisas; que move, abre, ilumina, purga, satisfaz, completa todas as coisas (BRUNO, 2012, p. 19).

Na citação acima, Bruno tenta nomear uma força sem nome, aquela que ata. Adiante, o teólogo busca descrever quais são as “armas” que são usadas por aqueles que atam:

As armas daquele que forma vínculos são de três tipos. O primeiro tipo está nele próprio, e comporta duas espécies de arma: as essenciais, sejam naturais, sejam aquelas que provêm da natureza da espécie; e as acidentais ou acrescentadas, isto é, aquelas que se juntam à natureza da espécie, como o são a sagacidade, a sabedoria e a arte. As segundas coisas encontram-se ao seu redor, como a sorte, a fortuna, o acaso, o que lhe vem ao encontro ou lhe cruza o caminho; e as últimas coisas estão acima dele, como o fado, a natureza e o favor dos deuses (*Id., ibid.*, p. 33).

Revisitando o opúsculo de Bruno, obviamente levando em consideração sua consciência medieval, percebe-se como o teólogo identificava uma prototipologia daquilo capaz de atar vínculos. Ele nos fala de três forças vinculantes: a primeira é a do corpo, que Baitello (2010) trata enquanto capilaridade presencial da comunicação. A segunda – sorte ou fado - poderia servir para pensar o que ata os seres vivos nos ambientes em que habitam, cujas condições são obras de um mero acaso. A terceira esfera, habitada pelo que Bruno chamou de seres do espírito – poderíamos aqui propor uma um diálogo com o conceito de Noosfera por Morin (1997) – convida contemporaneamente para o estudo de como o imaginário nos vincula uns aos outros. A partir dessa primeira acepção, já se percebe fundamental pensar a Comunicação considerando esses movimentos constituintes do vínculo.

Boris Cyrulnik (1997) introduz contribuições fundamentais sobre o papel do vínculo nesse complexo processo de atribuição e construção de sentido. Por meio do estudo e de sua análise etológica, é possível rastrear na evolução da espécie o desenvolvimento da relação corpo e ambiente e as causas biológicas para a formação daquela terceira esfera, capaz de nos vincular por coisas invisíveis.

O conceito importante introduzido pelo autor é o de indivíduo poroso. Para ele, “o indivíduo é ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biotipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, ao

INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente” (CYRULNIK, 1997, p. 92). Em outros termos, ele contesta o que considera ser uma “armadilha do pensamento” (CYRULNIK, 1997, p. 91): acreditar que o indivíduo é um ser compacto, atomizado, dividido.

Esta concepção de indivíduo poroso permite compreender que um indivíduo é atravessado, através de seus poros, pelo seu ambiente e pelo seu outro, e estes passam a fazer parte da sua constituição. Cyrulnik trata esse fenômeno enquanto “comunicação porosa” (física, sensorial e verbal) que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a biologia do ligante” (CYRULNIK, 1997).

De todos os seres, o humano é o mais capaz para a comunicação porosa – afinal, ele é um ser hiper sensorial. Por meio dos sentidos, podemos comover e agir sobre o outro; cativá-lo, tomar sua consciência e projetar sobre ele nossa expectativa. Vincular é um ato de captura, na qual a outra parte permite ser capturada, porque há prazer em ser cativado.

Este indivíduo poroso, atravessado pelo ambiente, pelos sentidos e palavras, passa, portanto, a se constituir no outro. Os exemplos mais evidentes desse processo estão nos vínculos mais primordiais ao longo do desenvolvimento humano: o maternal e filial. Ashley Montagu (1988) demonstra como o vínculo com a mãe é crucial no desenvolvimento do bebê recém-nascido. O bebê humano nasce imaturo, se comparado a outros mamíferos ou até mesmo a outros primatas. Ao longo de toda a gestação, a mãe é preparada para dar sustento ao bebê fora do útero, período conhecido como exterogestação. Até os três anos, afirma Montagu (1998), a criança irá desenvolver 90% do seu crescimento cerebral, o que exigirá dessa relação simbiótica uma intensidade de estímulos que se dá no âmbito do vínculo entre mãe e filho. Também Dieter Wyss (1975) demonstra como este vínculo é fundamental na construção de percepção espacial e temporal do humano, quando ainda bebê. Sair do útero e viver agora, num mundo aéreo, introduz carências como a fome e frio que o força ao vínculo, a encantar o outro – sua mãe – para que este o alimente nas suas necessidades.

3 Filogênese e Ontogênese dos vínculos

Etapa fundamental da compreensão desta noção de vínculo, parte do pressuposto básico da etologia de que é no outro que nasce o sentimento de si (CYRULNIK, 1997, p. 235). A construção do sentimento de si tem, de um lado, uma raiz biológica do prazer provocado pelo aumento de dopamina enquanto reação ao toque e ao contato com o outro. Mas há também uma raiz social na qual não só o toque estimula, mas a mera percepção do outro gera um vínculo que será evocado por um teatro. É por meio deste salto evolutivo, do toque ao teatro, que começamos a explorar a intrínseca relação entre vínculos e o uso do imaginário pelos meios de comunicação que permeia a vivência na contemporaneidade.

Para chegar em tal ponto, todavia, é preciso perceber o percurso que nos traz a este fenômeno. Para Cyrulnik (1997), podemos definir três períodos do desenvolvimento da comunicação porosa tanto na perspectiva filogenética – na evolução das espécies – quanto na

ontogenética – no desenvolvimento do indivíduo. São elas: *estar-em*, *estar-com* e *fazer-como-se*.

Na perspectiva filogenética, o *estar-em* é observável em organismos que não desenvolveram adaptação para desvincular-se do meio ambiente em que habitam. Plantas precisam estar o tempo todo em contato com a terra e com a umidade, de onde tiram sustento. Confundem-se, portanto, com seu meio ambiente. Conforme os organismos desenvolvem formas de descontextualização, entra-se na fase *estar-com*, em que irão desenvolver maneiras de se diferenciar do seu ambiente imediato. Entre os pássaros e mamíferos, por exemplo, já há um cérebro suficientemente descontextualizador e um sistema homeotérmico eficiente para a aparição de duas raízes da cultura entre os humanos (BYSTRINA, 1990): o sonho e o jogo. Separados do meio ambiente, esses indivíduos conseguem agir sobre ele, por meio das brincadeiras, externalizando seus aprendizados, e apresentam sono paradoxal, ao sonhar, internalizando sua experiência com este mesmo ambiente (CYRULNIK, p. 227-228). O jogo e o sonho prepararão para o mundo da palavra, do teatro, das imagens e da mentira. O mundo do *fazer-como-se*, em que o indivíduo se torna apto de representar o que está ausente.

Da perspectiva ontogenética, a trajetória é equivalente. Nos seis primeiros meses de um bebê, o rosto da mãe impede a organização dos sentimentos da criança (CYRULNIK, 1997, p. 236). O mundo de ambos são o mesmo – trata-se de um *estar-em*. A tristeza ou alegria da mãe são transmitidas ao bebê por gestos e expressões. A partir dos seis meses até os dois anos, quando a criança ainda se prepara para a palavra, dá-se o *estar-com*. A criança parte para a exploração sensorial do seu mundo. Estende-se para ver, coloca tudo à boca. Começa a perceber o rosto do outro e sorri para ele. Sente um imenso prazer ao compreender que seu sorriso gera no outro uma reação. A criança diferencia a si mesmo desse outro, e aprende que pode capturá-lo com seus gestos. A partir do segundo ano, com o desenvolvimento da fala, ela entra em um mundo de representações. A estratégia do *como se* se torna parte de suas brincadeiras e de como ela passa a se relacionar. O teatro e a palavra, o faz-de-conta, as representações de coisas invisíveis, levam a capturar também por uma “percepção semiotizante” (CYRULNIK, 1997, p. 98).

A capacidade enfeitiçadora de um vínculo é descrita por Cyrulnik com uma noção de encantamento. De modo geral, um encantamento pode ser entendido como aquilo que movimenta os vínculos. Um disparo, um acontecimento que cativa e captura o indivíduo que é dotado da comunicação porosa. Trata-se da capacidade de comover e agir sobre o outro por meio de uma comunicação sensorial. É pelas vias dos sentidos que o encantamento cativa e captura. Uma sonoridade, um estímulo visual, um paladar, um odor ou um gestual de um indivíduo organiza sua intenção para tomar o outro. Porém, na passagem para o *fazer-como-se*, a comunicação humana se torna capaz de encantar por meio do que Cyrulnik trata por “despercebido perfeito” (CYRULNIK, 1997, p. 98). Isto é, a capacidade de representar o ausente e comover-se pela representação tanto quanto se comoveria pela presença da coisa representada. É um encantamento semiotizante que passa a preencher o vazio entre duas partes.

A observação deste momento pode ser bastante simples. A criança que é capaz de sentir prazer em uma brincadeira de “cadê o bebê” já pratica sua capacidade de perceber o despercebido. Quando o rosto do outro se esconde por trás de suas mãos, aquela imagem visual aliada à imagem sonora da vocalização infantilizada já constitui uma percepção que conduz à expectativa de uma representação. A criança não percebe o rosto, que se esconde, mas, por meio de um padrão de gesto e fala, projeta sua

aparição. O prazer vem justamente dessa expectativa e da sua capacidade de imaginar o rosto ausente. Mais tarde, a criança sentirá prazer quando um adulto gritar “vou te pegar”. A mera vocalização daquelas palavras já movimenta emoções na criança, cria uma expectativa de realização daquela promessa.

4 A angústia e o fazer-como-se

A passagem para o *fazer-como-se* é momento fundacional da cultura humana. Isso porque, para Cyrulnik (1997, p. 101), passar a viver em um mundo do despercebido obriga o humano a adaptar-se a um meio ambiente que não é somente físico, mas também simbólico e imaginário. Agora, esse ambiente se torna habitado pelos despercebidos.

Os animais, que dividem conosco o mundo físico, conhecem, assim como nós, o medo que leva ao ato (CYRULNIK, 1997, p. 101). Para eles, diante de um predador, só resta a fuga ou a ruína. O humano antecipa seu predador, projeta sobre o mundo a consciência de sua própria morte. Diferentemente de outras espécies, o humano também conhece o mundo da angústia. Enquanto o medo possui objeto material, a angústia é o medo do despercebido. O humano projeta sua ruína, e esta projeção o comove. O mundo da angústia o obriga a compreender e a falar. Obriga-o a criar imagens que o tranquilizem. Obriga-o à cultura.

É com esta chave de interpretação que se torna possível explorar a ambivalência dos vínculos. Vincular-se é parte da capacidade constitutiva do indivíduo. Ele é poroso, atravessado de vínculos que o amarram. Mas este indivíduo também se torna encharcado de imagens, de representações e de despercebidos perfeitos. O vínculo é sempre ambivalente porque, não podendo nenhum de nós simplesmente negar o imaginário que nos habita e que habitamos, este vínculo, embora nos console, também será mobilizado por uma angústia. Logo, a comunicação humana é mobilizada por esta angústia.

5 O logro como forma de vincular

A angústia que leva ao vínculo e a capacidade de afetar o outro, criando sobre ele uma expectativa, leva-nos à noção de logro. Segundo Cyrulnik, o humano, devido à aptidão biológica para a empatia e para a palavra, pertence à espécie mais suscetível ao encantamento. Não apenas porque percebe a sensorialidade do contexto que o pode cativar, mas também porque, sob o efeito das palavras dos outros, pode pôr-se no lugar deles e experimentar um sentimento provocado pelos seus relatos (CYRULNIK, 1997, p. 103-104).

A capacidade de ser encantado por despercebidos perfeitos nos coloca como lançadores de sortilégios, nesta busca de capturar o outro e de responder à angústia. São sortilégios movidos pela expectativa de pertencer e querer ser pertencente, no prazer que há de projetar representações e imagens sobre outros. Neste sentido, o vínculo pode ser disparado por um logro, um artifício, que possui forte poder de atração porque nosso organismo está ávido dele, porque nos revela aquilo que mais desejamos (CYRULNIK, 1997, p. 187).

O logro é uma forma de supersinal, um hiperestímulo que se apresenta de maneira irresistível. Para capturar um sapo, o enfeitiçamento consiste em fabricar cópias de moscas. O que o fascina é o movimento das falsas moscas que o farão saltar para abocanhá-las (CYRULNIK, 1997, p. 188). Logo, o logro como um “estímulo desencadeador exagerado” (CYRULNIK, 1997, p. 189), cuja existência comprova que a evolução é constante, visto que dá ao indivíduo a oportunidade de uma nova adaptação. Cyrulnik (1997) descreve que esse supersinal precisa criar no indivíduo uma sensação de acontecimento. Para isso, esse hiperestímulo precisa variar de intensidade para criar diferença sensorial em um intervalo de tempo, a partir do qual seria possível emergir uma representação. A percepção de um mundo estruturado por imagens em um tempo ritmado, como nas ritualizações mediáticas, cria essa sensação de algo novo, capaz de capturar e governar o indivíduo.

Dentre o catálogo de logros que há entre as espécies, estes costumam se organizar em três temas: alimentos, território e sexo (CYRULNIK, 1997, p. 191). São esses três temas que mobilizam vínculos e criam a carência que força os indivíduos a irem ao meio ambiente para supri-la. Entre humanos, essas carências também são

habitadas por estruturas imaginárias. Ainda segundo Cyrulnik (1997, p. 192), a imperfeição do sinal do logro também pode gerar três categorias emocionais que governam o mundo vivo: o horrível, o bem-estar e a maravilha. É como no exemplo da tartaruga *aligator*, cuja língua é semelhante a um verme. Debaxo d'água e de boca aberta, a tartaruga movimenta a língua, criando um logro que maravilha um peixe e o mobiliza para o que apenas aparenta ser um alimento. E assim, será o peixe devorado.

6 O logro e o uso pornográfico do imaginário

A comunicação humana também é capaz de seus logros, que nos mobilizam – seja para o horror, para o bem-estar, ou para a maravilha – por meio de um imaginário exuberante que é, ao mesmo tempo, exagerado e cada vez mais onipresente. Conforme os meios de comunicação filtram o imaginário cultural e encobrem dele seu lastro, oferecem essencialmente logros que nos atam por meio de estruturas imaginárias, agora envernizadas por matizes mediáticas.

Dietmar Kamper (1936-2001), pensador singular que transita interdisciplinarmente, aborda criticamente fenômenos contemporâneos como a relação entre corpo, imagem e ambiente. Diante dessa tríade, o autor reflete sobre o papel da imagem como um dos eixos socioculturais do nosso tempo e vislumbra transposições profundas entre o mundo tridimensional do espaço e dos sentidos para um universo da superfície das imagens. Para ele, o mundo das imagens – e não mais o mundo físico tridimensional – torna-se o horizonte de orientação.

Nessa bolha de imagens que nos assedia diuturnamente, a perda da corporeidade, a abstração e a compulsão pela superfície são marcas significativas. Essas imagens ubiqüitárias tendem a representar e a emular a realidade. Porém, gradativamente tornam-se autorreferentes, e sua imanente superficialidade e veloz disseminação tendem a encobrir os lastros simbólicos profundos contidos em suas múltiplas camadas. A caverna imaginal, como afirma o próprio autor, é uma grande festa com participação espontânea dos envolvidos que se utilizam e creem nas imagens luminosas repetidas em *looping* infinito. Para o autor, essa imanência é uma profusão de espelhos que praticamente impossibilita ver algo que não seja “sua própria

cavidade” (Idem). Trata-se de um imaginário de proporções mundiais, uma imensa bolha, “uma prisão feita de imagens de liberdade” (Idem, 2009, p. 29).

Kamper, sob o conceito de imaginário, não está abordando outra coisa senão um mundo de imagens mediáticas que nos cerca e empareda a perspectiva visual. Nessa bolha, o corpo e os sentidos são subtraídos e a atenção é devotada para as imagens que se sucedem ininterruptamente de forma autorreferente. A órbita do imaginário atua como uma ampla caverna espelhada que se apresenta na superfície e está constantemente em um ciclo dinâmico

e tautológico. Compõe-se, assim, um novo “céu artificial” (KAMPER, 2016, p. 74) onde projetam-se constelações de imagem, é “o sol que nunca se põe no império da passividade moderna [...] recobre toda a superfície do mundo e está indefinidamente impregnado de sua própria glória” (DEBORD, 2007, p. 17). Nessa imanência mediática, corpos e espaços são reduzidos à superfície da imagem. Leva-se uma vida diante do espelhamento autorreferente. Os corpos no espaço-tempo cedem lugar a corpos na imagem.

Nota-se que o padrão autóctone da voracidade multiplicadora da órbita imaginária eleva exponencialmente a quantidade de imagens, caracterizando no interior dessa caverna imaginária um “culto telemático da imagem, com o corpo como sucata e lixo” (KAMPER, 2002, p. 7). Essas imagens da órbita perfazem um movimento elíptico que não toca em dimensões imaginárias mais profundas e, conseqüentemente, não ativa a nascente e o lugar de transformação das imagens, o corpo, ou seja, o papel deste como instância imaginativa de transformação e deformação das imagens (BACHELARD, 2001) sofre um rebaixamento.

Praticamente descartado da ação de transformar e dar vida a novas imagens, o corpo apenas assiste à dinâmica da órbita em contínuo movimento repetitivo, tornando-se também, dessa forma, imagem dela, cuja configuração precisa estar ajustada a sua visibilidade solarizada, já que passa a ser menos corpo e mais imagem, da ordem da virtualidade, abstração e superfície. Sua somatossensorialidade é retirada pois o tempo das imagens da órbita imaginária é o futuro do pretérito, um vir-a-ser de desejos infinitos de sonhos, corpos e consumos que, quando e se alcançado, já está obsoleto. Na caverna espelhada das imagens, como afirma Kamper (2016) o presente é impossível, pois está sem corpo, as imagens o substituem.

Além de Dietmar Kamper, Contrera (2010) contribui para a compreensão do uso mediático do imaginário. A autora afirma que a expansão da imageria mediática recente é tão intensa que se pode falar de um imaginário próprio à mídia, a mediosfera. Nesse ambiente, as imagens possuem um padrão superficial, cujo objetivo é serem digeridas rapidamente. Segundo Contrera (2010), com a crescente inflação das imagens mediáticas, pressionam-se internamente estruturas do imaginário que passa a ser apropriado pelos media. Nesta inversão de papéis que sobrevaloriza, a mediosfera é uma estrutura de imagens *prêt-à-porter* que tem como isca (logro) um verniz superficial solarizado de corpos, lugares e consumos de toda espécie.

As imagens e os processos comunicativos engendrados pela órbita imaginária são ávidos pela velocidade e exponibilidade. Como afirma Han (2017), buscam aproximar-se de uma nudez pornográfica, destituída de mistério e enigma. Neste ambiente, a tônica é a hipervisibilidade.

Fechar os olhos é uma negatividade que não se coaduna bem com a positividade e hiperatividade da sociedade acelerada de hoje. A coerção para a hipervigilância, hoje, impede que fechemos os olhos. Ela também é responsável pelo esgotamento neuronal do sujeito de desempenho [...] a hipervisibilidade caminha lado a lado com a desconstrução dos umbrais e dos limites. É o *telos* da sociedade da transparência (HAN, 2017, p. 73).

A hipervisibilidade como *telos*, ou seja, como alvo da sociedade contemporânea, dialoga prementemente com o conceito de órbita imaginária. Em um aprofundamento desse diagnóstico, Byung-Chul Han, amplia as consequências da caverna imaginal analisando como a sociedade da transparência arranca qualquer tipo de véu enigmático e possibilidade de sombra das imagens. Há um triunfo do ego sobre eros, o “sujeito do amor próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo” (HAN, 2017, p. 10), não há alteridade. Em uma era da visibilidade total e aceleração contínua, o sujeito da sociedade do desempenho esgota-se mentalmente e tem sua percepção embotada diante de tanta luminosidade.

Tanto Kamper quanto Han chamam atenção para uma visualidade luminosa e embusteira dos processos mediáticos na atualidade. A essa estratégia chamativa, a compreensão do que é o logro colabora para o entendimento de como as estruturas imaginárias, das mídias e das telas, se colam ao inconsciente, produzindo uma realidade fantasiosamente atrativa. “Não temos nenhuma possibilidade de jogar o real e o simbólico contra o imaginário” (KAMPER, 2016, p. 30). Este autor, ainda utiliza

INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

o *voyer* e o pornográfico como metáfora para o fenômeno. Há um direcionamento em sua obra para interpretar a cultura mediática como aquela do excesso, principalmente o da visibilidade, que não permite mais o segredo.

Dessa forma, o pornográfico torna-se exemplo de um logro das mídias, tanto em seu sentido específico como também se estendendo como estrutura predominante da órbita imaginária. No que tange ao pornográfico *per se*, pesquisas chefiadas pelo neurologista Gary Wilson (2016) sugerem que há uma relação entre consumo de conteúdo pornográfico na internet e aumento de incidência de disfunções sexuais em jovens. Segundo seus estudos, o conteúdo pornográfico é um hiperestímulo e, conforme ele varia em um ritmo de tempo, aumenta a expectativa sobre ele graças aos mecanismos de prazer e recompensa do cérebro. Após consumo crescente desses conteúdos, portanto, cresce proporcionalmente a expectativa para a recompensa que é o sentir. Projeta-se assim, uma dificuldade de vincular-se ao outro.

O pornográfico, no entanto, não se restringe apenas ao consumo de imagens de sexo explícito. A partir de Kamper e Han, ele pode ser entendido como uma possível categoria de análise, como uma espécie de logro articulado pela mídia. O pornográfico não apenas como uma estética da imagem em ambientes mediáticos, mas como qualidade desta, que “se sobrecarrega até empanturrar-se de valor expositivo” (HAN, 2017, p. 59), ou como feitiço abstrato, em um casamento da noção de enfeitiçamento proposta por Cyrulnik com a de imagem técnica proposta por Flusser.

O véu que permite certo enigma é arrancado. As imagens na órbita imaginária possuem o logro reluzente que tudo mostra. São da ordem da circulação pandêmica e não de tempos lentos ritualísticos. O logro da era mediática traduz-se em superfície solarizada capaz de movimentar emoções de maravilha, bem-estar ou horror e que, de tão potente, atravessa aquele com quem ata, capturando-o e passando também a governá-lo e constituí-lo.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR. Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO JR; SILVA, Maurício Ribeiro. **Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana**. XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2013. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. Simpatia e empatia: mediosfera e noosfera. In: Norval

BAITELLO JR, Norval; WULF, Christoph (Orgs.). **Emoção e imaginação: os sentidos e as imagens em movimento**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. **GHREBH – Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, nº 8, 2006, p 32-60.

_____. **Antropologia de la imagen**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

BRUNO, Giordano. **Os vínculos**. São Paulo: Hedra, 2012.

BYSTRINA, Ivan. **Cultura e devoração: as raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais**. Palestra. Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 12 de out. 1990.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEILMAR, Alex. **Imagem e força da imaginação em Hans Belting e Dietmar Kamper: possíveis contribuições para uma nova teoria da imagem**. In Anais do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, 2015. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

KAMPER, Dietmar. Fantasia. In: Christoph Wulf (Org.). **Cosmo, corpo, cultura: Enciclopedia Antropologia**. Milão: Ed. Mondadori, 2002.

_____. **Mudança de Horizonte:** o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas.... São Paulo: Paulus, 2016.

_____. Os padecimentos dos olhos. In: CASTRO, G; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (orgs.). **Ensaio de complexidade.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

MONTAGU, Ashley. **Tocar:** o significado humano da pele. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

OLIVEIRA, Danielle Naves de. **Poros ou as passagens da comunicação.** São Paulo: Paulus, 2016.

SHANNON, Claude Elwood; WEAVER, Warren. **A teoria matemática das comunicações.** Urbana: Imprensa da Universidade de Illinois, 1963.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade:** o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1968.

WILSON, Gary; PARK, Brian Y; BERGER, Jonathan; CHRISTMAN, Matthew; REINA, Bryn; BISHOP, Frank; KLAM, Warren; DOAN, Andrew. Is internet pornography causing sexual dysfunctions?: a review with clinical reports. **Behavioral Science**, nº 17, vol. 6, 2016.

WYSS, Dieter. **Estructuras de la moral:** estudios sobre la antropologia y genealogia de las formas de conducta Morales. Madri: Editorial Gredos, 1975.

Recebido em: 01.03.2021

Aceito em: 30.06.2021